



Para Jules

Quando o assunto é colégios internos da Escócia, nenhum consegue superar o 4º lugar da nossa lista, Gregorstoun. A fortaleza intimidadora nas Terras Altas da Escócia tem sido o lugar escolhido para matricular a nobreza e a realeza escocesas desde o começo do século 20, mas nunca teve o mesmo brilho que outros colégios internos tiveram em nossas listas, possivelmente por conta de sua localização remota. Pode ser também que a fama do colégio de ser rigoroso e austero tenha afastado alguns nomes notáveis. De qualquer maneira, o colégio ocupa um terreno de 200 acres e já foi um dia propriedade da família McGregor, por isso o nome. Os estudantes de Gregorstoun têm que lidar com chamadas de manhã cedo para acordar, enfrentando exercícios nos invernos frígidos das Terras Altas, e uma competição particularmente exaustiva, nos moldes da Outward Bound, conhecida como “o Desafio”, mas eles podem fazer isso imersos em uma das paisagens mais estonteantes da Escócia e entre os moradores mais famosos do país – o príncipe Alexander se graduou em 2009, e seu irmão Sebastian está matriculado. No próximo ano, o colégio será integrado, dando as boas-vindas para a primeira turma feminina em seus cem anos de história.

(“Melhores colégios internos para conquistar a realeza”, *Prattle*)

CAPÍTULO 1

— Olha, tem um unicórnio aqui.

Abrindo um sorriso, pego a carta das mãos de Jude e me recosto no ninho de sacos de dormir e travesseiros que arrumamos dentro da pequena barraca laranja que montei no quintal. O sol se pôs há uma hora, e o único foco de luz é o da minha lanterna Coleman, que está presa em um pequeno gancho no teto da barraca. Desde o sexto ano não fazíamos um acampamento no quintal, mas é verão e estávamos entediadas, então montar a barraca pareceu ser algo divertido a fazer.

— Está vendo agora por que eu queria estudar lá? — pergunto enquanto guardo a carta de volta no envelope. — Qualquer lugar que usa um unicórnio na correspondência oficial é um bom lugar pra mim.

— Obviamente — Jude reforça, se recostando também.

Seu longo cabelo loiro está tingido de turquesa nas pontas e, conforme ela se ajeita nos sacos de dormir, aquelas mechas azuis e brilhantes encostam no meu braço, acelerando meu batimento cardíaco e soltando uma revoada de borboletas no meu estômago.

Apoiando-se nos cotovelos, Jude olha para mim, as sardas em seu nariz se sobressaindo sob a luz da lanterna.

— E você entrou!

Concordando com a cabeça, eu olho para o envelope de Gregorstoun, um colégio interno sofisticado nas Terras Altas da Escócia, me segurando para não pegar a carta de novo e reler o cabeçalho.

Cara senhorita Amelia Quint:

Temos o prazer de oferecer uma vaga em Gregorstoun...

A carta está guardada na minha bolsa há mais de um mês. Ainda nem contei para meu pai. E não tinha planejado falar disso com Jude também, mas ela a achou quando estava procurando um hidratante labial.

— Então *por que* você não vai? — ela pergunta, e eu dou de ombros, pegando a carta e guardando de volta no bolso da frente da bolsa surrada que eu carrego comigo para todo canto.

Uma leve brisa sacode o náilon da barraca, trazendo o cheiro das noites de verão texanas — grama recém-cortada e o aroma defumado de alguém fazendo churrasco.

— Millie, você fala desse colégio o tempo todo já tem, tipo, um ano — Jude insiste, me empurrando com a mão livre. — E agora você foi aceita e não vai?

Dou de ombros de novo enquanto suspiro e mexo com o cabelo.

— É supercaro — digo, o que é verdade. — Então eu precisaria conseguir uma bolsa. E é bem longe.

O que também é verdade. Apesar disso não ter me impedido de sonhar em ir para lá o ano passado inteiro. Gregorstoun está no pico nas Terras Altas da Escócia, rodeado de montanhas e lagos – quer dizer, *lochs* –, além de todas as amostras de rochas que uma doida por geologia que nem eu poderia querer.

Mas as coisas eram diferentes com Jude no ano passado.

Somos amigas desde os nove anos, e eu tenho uma queda por ela desde os treze, quando percebi que sentia por ela a mesma coisa que sentia pelo Lance McHenry de Boys of Summer (olha, todo mundo gostava de Boys of Summer naquela época, não era tão vergonhoso quanto parece).

E minha queda pela Jude tinha tanta chance de ser correspondida quanto a paixonite que eu tinha por um garoto de cabelos bagunçados de uma banda.

Pelo menos, era o que eu achava.

Agora ela se aproxima de mim sobre o saco de dormir estampado com margaridas que tem desde o primeiro acampamento do sexto ano. Diferentemente de mim, Jude não curte muito acampar.

Ela acaricia meu braço com os dedos, deixando as unhas arranharem a pele de leve, e minha respiração tremula quando fico arrepiada. Cada unha está pintada num tom diferente de roxo, o polegar em lavanda claro, o mindinho num violeta tão escuro que parece preto. Ali, naquela barraca, com a noite de verão ao nosso redor, sinto que poderíamos ser as únicas duas pessoas no mundo.

— Você não está recusando por minha causa, né? — ela pergunta, e meu coração dá uma cambalhota dentro do peito.

Essa... coisa entre Jude e eu tem rolado desde o começo do verão, mas ainda não me acostumei. Estar com ela ainda faz com que eu me sinta numa montanha-russa: com o coração acelerado e um frio na barriga.

— Como assim? — pergunto, tentando forçar uma risada, mas sou a pior mentirosa do mundo e a palavra sai quase um grasnido.

Jude chega bem perto, tão perto que nossos joelhos se tocam sobre o saco de dormir.

— Tudo bem se você quiser admitir que não aguenta ficar longe de mim — ela provoca e eu tento empurrá-la, mas ela segura meu pulso e me puxa para um beijo.

Seus lábios têm gosto de hidratante labial de cereja e baunilha e, naquele momento, apenas Jude, sua boca e o jeito que ela arruma o cabelo atrás da minha orelha enquanto me beija existem.

Quando terminamos, ela sorri com as bochechas coradas e nossas pernas estão juntas sobre os sacos de dormir.

— Eu não vou porque é muito caro — digo a ela. — Como já expliquei.

— Eles te dariam uma bolsa — ela rebate. — Você é, tipo, a pessoa mais inteligente do colégio.

— Isso não quer dizer muita coisa.

Meu colégio não é horrível, nem nada, mas é gigantesco e às vezes as aulas se parecem mais com exercícios de controle de distúrbios civis. Isso é parte do motivo pelo qual eu comecei a pesquisar por colégios de elite em outros países.

Isso e meu pai ter me levado para ver *Valente* quando eu tinha dez anos. E o fato de que geologia, minha disciplina

favorita, foi praticamente inventada na Escócia. E a maneira como eu me senti quando vi fotos de todos aqueles morros rochosos enormes rodeados por mata verde, como um cenário de contos de fadas. Tem um local chamado Applecross que eu...

Tá bom, não. Sem mais devaneios sobre isso. Já me convenci a ficar, até porque, apesar de ter sido aceita, fugir para a Escócia é insano, certo? E não é algo que as pessoas fazem. Estarei perfeitamente feliz concluindo meu último ano letivo em Pecos com Jude e meus outros amigos, Darcy e Lee. Não faltam universidades boas para eu entrar aqui no Texas, e um colégio interno na Escócia não contará mais do que minhas notas incríveis da prova ACT e meu histórico escolar imbatível. Vai ficar tudo bem.

Mas Jude ainda está me observando com uma expressão estranha, formando três pequenas rugas em seu nariz.

— Estou falando sério, Millie — ela diz. — Se o motivo for eu ou a gente...

Ela suspira e sinto seu hálito quente próximo ao meu rosto, com cheiro do chiclete de menta e limão que ela sempre traz no bolso.

— Não é — digo novamente, puxando uma linha do tecido quadriculado do saco de dormir. — E, de qualquer maneira, não somos um *nós*. Quer dizer, somos no sentido de que eu sou uma pessoa e você é uma pessoa e, juntas, somos duas pessoas, o que significa que a definição gramatical de *nós* se aplica, mas...

Jude tapa minha boca com as mãos e ri.

— Sem tagarelar de nervoso, Millie — ela diz, e eu concordo com a cabeça e murmuro um “desculpa” abafado pela palma dela.

Esse tipo de coisa acontece às vezes, quando fico nervosa e as palavras escapam fora da ordem certa e, na metade das vezes, não são as palavras que eu gostaria de dizer, mas elas saem assim mesmo, uma enxurrada de palavras entre Jude e eu, mais uma vez.

Mas, quando ela abaixa as mãos, aquelas rugas voltam.

— Somos um *nós* — ela diz, entrelaçando os dedos com os meus. — Talvez ninguém saiba, mas eu sinto que faço parte de um... nós.

Com as bochechas pegando fogo, aperto sua mão de volta.

— *Nós demais.*

Jude volta a brincar com as pontas dos meus cabelos.

— O mais próximo de fazer parte de um *nós* que eu já senti com alguém — ela diz.

— Mais do que com o Mason?

Digo as palavras antes que possa pensar sobre o que estou dizendo e imediatamente quero retirá-las. Mason é o ex de Jude, o garoto que ela namorou desde o primeiro ano, e eles terminaram na primavera passada. Isso foi um pouco antes de tudo começar entre nós. Desde nosso primeiro beijo, no mês passado, sentadas no chão do quarto dela, não falamos de Mason. Tem sido fácil, já que ele ficará no acampamento de futebol ou algo assim durante parte do verão, mas às vezes imagino como vai ser quando ele voltar. Sempre gostei de Mason, mesmo *sabendo* estar apaixonada pela namorada dele,

mas não há dúvidas de que as coisas têm sido mais fáceis entre Jude e eu sem ele por perto.

Jude recosta-se nas almofadas observando o teto da barraca.

— Não éramos um tipo de *nós* mesmo quando o Mason estava aqui?

Ela se vira de lado para me olhar e eu sinto minhas bochechas corarem de novo porque, bom, nós éramos, sim. Não existia nada disso de se beijar, mas ela definitivamente era minha pessoa favorita de estar por perto.

— Talvez — reconheço, e ela sorri antes de me abraçar pela cintura.

Jude me beija mais uma vez e pensamentos sobre Mason, Escócia e colégios chiques com brasões de unicórnio se dissolvem no ar quente do verão.

CAPÍTULO 2

— **Mason voltou.**

Estou na sala de jogos da casa de Darcy, sentada no chão e encostada no sofá com um controle de Xbox nas mãos.

Na TV gigante à minha frente, um dragão agarra meu avatar, lady Lucinda, pela cabeça, sacudindo-a tão agressivamente que o corpo sai voando para fora da tela.

Ótimo.

Descanso o controle na barriga com um suspiro enquanto a tela fica branca.

— Aquela era minha última vida — resmungo, pegando a lata de Sprite Zero ao meu lado.

Darcy cutuca meu pé com o dela, suas unhas pintadas num roxo vívido.

— Millie, você me ouviu?

Do meu outro lado, Lee se apruma, pegando o controle de mim e recomeçando o jogo.

— Ela te ouviu, Darce. Ela não se importa.

— Eu me importo — confirmei —, porque gosto do Mason e é legal que ele tenha voltado. Só acho que isso não tem nada

a ver comigo.

Cruzando as pernas, Darcy endireita a coluna e olha para mim sobre os óculos. São novos, a armação verde-ácido brilhando em volta de seus olhos escuros.

— Millie — ela diz, e eu movo os ombros, desconfortável.

— Eles terminaram — eu a lembro enquanto me endireito também. — Acabaram. E eu e Jude somos...

— Um caso de verão que vai partir seu coração — Darcy completa, e fecho a cara para ela.

Darcy tem batido nessa tecla desde que contei a ela sobre nós: que Jude é inconstante, que ela muda de ideia mais vezes do que muda a cor do cabelo, que eu sei como Jude é.

Sei que ela diz isso porque se importa comigo, mas, ainda assim, não é o que mais gosto de ouvir e, além disso, ela está errada. E talvez tenha um pouco de ciúmes. Jude e Darcy eram muito próximas alguns anos atrás, mas, conforme Jude e eu nos aproximamos, Darcy acabou ficando um pouco de fora. Nosso Quarteto de Amigos está em constante transformação.

O fato de Jude e eu estarmos juntas agora mudou mais ainda as coisas.

— Jude é meio excêntrica — Lee reconhece enquanto seus dedos voam sobre os botões do controle.

Ele olha para mim, os cabelos ruivos sobre um dos olhos.

— Desculpa, Mill, mas você sabe que é verdade. É uma das coisas que amamos nela, mas dá pra ver que isso pode fazer dela uma namorada ruim.

— Você não é exatamente um especialista em namoradas, Lee — digo, e ele abre a boca fingindo ofensa, o olhar ainda grudado no jogo.

— Como *ousa*, Amelia Quint? — Então seu rosto abre um sorriso. — E, sim, justo. Mas sou um especialista em *você* e não quero ver seu coração esmagado. A Darcy está sendo meio chata, mas ela não está necessariamente errada, o que em geral acontece com Darcy, sejamos sinceros.

— Por que eu ainda te chamo pra vir aqui? — Darcy resmunga, pegando a lata de refrigerante e bebendo um longo gole.

— Porque você me ama e quer apoiar meu vício em jogar — Lee diz, e então solta um grito triunfante quando o dragão cai morto na tela.

Jogando o controle sobre o tapete grosso, ele se inclina sobre mim para alcançar o pacote de salgadinhos de queijo que foi parar debaixo do sofá.

— É um desperdício você ter esse videogame, Darce — ele diz. — Você nem joga.

Darcy dá de ombros e eu pego um salgadinho do Lee, com cuidado para não derrubar farelo no tapete. Não que Darce ou seus pais se importem. Mas a casa deles é tão bonita que sinto que *eu* devo me importar.

O pai de Darcy trabalha para alguma empresa de petróleo em Houston, o que significa que sua família tem muito mais dinheiro do que a minha ou a do Lee. Isso nunca foi um problema, mas ainda fico impressionada com o piso lindo, as TVs enormes e como Darce tem seu próprio banheiro no quarto.

Agora ela me observa com os olhos semicerrados.

— Jude disse que você passou para aquele colégio sofisticado na Escócia.

— Quê? — Farelos cor de laranja voam da boca de Lee enquanto ele leva uma mão à boca, e eu olho de um para o outro com o estômago embrulhando.

— Ela te contou isso? — pergunto, e Darcy pega o pacote de salgadinhos de queijo de Lee.

— Sim — Darcy me diz. — Você não vai por causa dela?

Pego meu refrigerante de novo, mais para ter algo para fazer com as mãos do que por sede.

— Não — digo finalmente. — Não vou porque é cara.

Lee solta uma risada debochada.

— Sei, porque uma bolsa de estudos não está à sua altura, ó lady Espertona.

— Exatamente — Darcy concorda e eu apenas dou de ombros.

Fico incomodada que Jude tenha comentado sobre isso com a Darcy, especialmente porque eu ainda não tinha contado para mais ninguém.

Mas apenas falo:

— Provavelmente já é tarde demais pra conseguir ajuda financeira. E, de qualquer maneira, foi uma ideia estúpida me inscrever. Eu só... queria ver se conseguiria passar. Eu não queria ir *de verdade*.

— Pois eu acho que isso é tudo mentira, Mill — Lee diz, apontando os dedos do pé para mim. — Você ficou falando da Escócia o ano passado inteiro.

— A gente viu *Valente* pelo menos três vezes durante as férias de inverno — Darcy complementa, e direciono aos dois o que espero que seja uma expressão severa.

— As pessoas têm direito a mudar de ideia — digo, e observo enquanto eles se olham.

— Eu só estou dizendo — Darcy finalmente diz antes de pegar o controle do chão e desligar o Xbox — que você não deveria abandonar uma grande oportunidade por causa da Jude.

— Não estou fazendo isso por causa dela — respondo, mas lá está aquele olhar entre Lee e Darcy de novo e, fechando a cara para os dois, eu pego o controle de volta e ligo o videogame.

Ainda tenho duas horas antes de precisar ir para casa e, *quer saber?*, vou matar um dragão.

— Isso não é sobre a Jude, e, mesmo que fosse, quem se importa? A volta do Mason não muda nada.

CAPÍTULO 3

— **Eu abriria mão de vasos sanitários** com descarga por um homem desses.

Tiro o olho do celular para olhar para a imagem na TV que minha tia Vi está apontando ou, mais especificamente, para o cara superlindo usando um kilt ao qual ela se refere.

É meu terceiro dia no apartamento da tia Vi, comendo biscoitos SnackWell's e vendo um seriado chamado *Os mares do tempo*, sobre uma mulher que viaja no tempo e se apaixona por um *highlander* gato. Fiquei viciada no ano passado, durante a minha Febre Escocesa, e trouxe os DVDs para cá como apoio moral. O final do namoro da tia Vi (com Kyle, o atendente do bar), a abalou pesado e, por isso, estamos assistindo a esse seriado sexy de viagem no tempo enquanto comemos biscoitos.

Franzindo a testa, eu observo o cara na tela.

— Gosto muito do Callum — digo, finalmente. — Especialmente do cabelo dele. Mas sinto que gosto mais de vasos sanitários com descarga. Talvez?

Do seu lugar no sofá, tia Vi dá um suspiro. Ela tomou banho hoje, o que já é alguma coisa, pelo menos, e seu cabelo preto está preso num coque bagunçado.

— Você não tem noção alguma de romance, Amelia — ela diz e, mais uma vez, resisto à vontade de olhar para o celular.

Já faz duas semanas desde que vi Jude pela última vez, duas semanas desde que estávamos nos beijando na barraca em meu quintal, e ela já deveria ter voltado da casa da avó há três dias. Estou esperando por uma mensagem, mas, até agora, nada.

É difícil não fazer uma conexão entre o retorno de seu ex-namorado e esse silêncio repentino, mas acredite quando digo que esses são dois pontos que eu estou realmente *tentando* não conectar, não importa o que Darcy disse.

Eu sei o que tenho com Jude e não é apenas “uma distração”, ou seja lá o que for. É um nós, como ela disse...

O celular apoiado na mesa vibra, me inclino para pegá-lo e me acomodo de volta na desconfortável, porém-extremamente-estilosa, cadeira de couro branco da tia Vi.

É uma mensagem, mas é do Lee, me perguntando se Jude já deu sinal de vida.

Não, eu digito de volta, tendo gaitas de fole e respiração pesada como música de fundo. *Mas ela ainda está na casa da avó?*

Outra vibração e recebo uma série de ☹️☹️☹️.

Obrigada pelas vibes positivas, respondo, franzindo a testa.

O celular vibra mais uma vez, mas eu ignoro e me concentro no seriado, no qual Callum e Helena estão deitados e cobertos, ainda bem.

— Tudo bem, menina? — tia Vi pergunta, e eu balanço a cabeça indicando que sim e forçando um sorriso.

— Uhum, só... você sabe, preocupada com Callum e Helena. Logo, logo, aquele cara inglês, lorde Harley, deve aparecer, e ele não é coisa boa.

Tia Vi me olha com uma cara estranha enquanto arruma uma mecha de cabelo atrás da orelha. Ela é a irmã mais nova do meu pai e nasceu quando ele estava no ensino médio, então, às vezes, ela é mais uma irmã mais velha para mim do que uma tia. Mas, de vez em quando, ela também tenta fazer Coisas de Mãe só para variar, e percebo que isso está prestes a acontecer.

— Você não parece bem — ela diz, se virando no sofá para me encarar. — É o colégio?

— Estamos nas férias de verão, tia Vi, lembra? Mas, sim, em geral, está tudo bem no colégio. Está sempre tudo bem no colégio pra mim, você sabe disso.

Ela faz uma careta, se parecendo demais comigo.

— Eu não sei de onde veio seu gene nerd — ela diz —, mas é dos fortes.

Dou de ombros.

— Talvez da minha mãe?

E o rosto de tia Vi imediatamente se transforma numa expressão simpática.

— Claro — ela diz. — Sua mãe era superinteligente. Até demais pra ter se casado com meu irmão, era o que eu pensava, mas gosto não se discute.

Sorrio, pois não quero que ela se sinta desconfortável, algo que pode acontecer quando você menciona pais mortos, já

aprendi isso. Até mesmo com outros membros da família. Então eu suavizo meu tom, cruzo as pernas e digo:

— E ser boa no colégio significa conseguir bolsas, o que significa dinheiro, e você sabe que eu curto isso.

Tia Vi ri.

— Disso você gosta.

Pegando uma das quase cinco mil almofadas decorativas no sofá, essa num tom ligeiramente diferente de branco – tia Vi adora o visual monocromático –, ela a aperta contra o peito.

— Então não é o colégio. Um garoto?

Eu quase dou uma bisbilhotada no celular de novo, mas consigo evitar.

— Nenhum garoto — digo, o que é verdade se levarmos a pergunta de tia Vi ao pé da letra.

Percebo que ela está prestes a insistir, mas então, graças a Deus, Helena e Callum começam a se pegar de novo e a atenção dela é desviada.

— Sinto falta do Kyle — ela diz com um suspiro e, beleza, esse é o fim do papo.

Enquanto levanto, guardo o celular no bolso e aponto para a caixa de biscoitos vazia na mesinha de centro.

— Ah, olha só. Acabou o biscoito. Vou sair e comprar mais.

Com o foco de volta na televisão, ela concorda distraída e acena na direção da cozinha.

— Tem uma nota de vinte naquela tigela de sal do Himalaia perto da porta de entrada.

Eu ando até a tigela que ela mencionou e pesco a nota de vinte do mar de moedas e elásticos de cabelo. Assim que a guardo no bolso, olho de novo para a tigela, segurando-a

brevemente e, depois de um segundo, tocando-a cuidadosamente com a língua.

— Isso não é sal de verdade — grito para ela. — Provavelmente é só um quartzo rosa.

— Nerd! — ela grita de volta, mas eu sorrio, coloco a tigela no lugar e saio pela porta.

Está quente do lado de fora – bem quente, na verdade –, e o céu é de um azul intenso sobre o horizonte. O condomínio de tia Vi fica numa nova comunidade que foi construída para recriar a experiência de viver numa pequena cidade, então, seguindo uma calçada com tijolos vermelhos, há uma pequena praça com uma farmácia, alguns restaurantes e um punhado de lojas.

Faço um caminho que passa pelo chafariz e deixo minhas mãos deslizarem pela grade de ferro forjado, os anéis fazendo um ruído prazeroso. Acho que meu pai se sente mal porque não fomos a lugar nenhum nesse verão, mas minha madrasta teve que trabalhar e meu irmão pequeno não tem nem um ano ainda, então esse não parecia o melhor ano para as Férias da Família Quint. Mas não me arrependo. Ganhei a chance de estudar mais para a prova AP de Ciências Ambientais do próximo ano, e ainda pude passar tempo com a tia Vi, que claramente precisa de mim.

E tem a Jude.

Quando piso no capacho, ativando as portas automáticas da farmácia (mais uma loja de uma rede qualquer, mas com uma entrada de tijolos vermelhos e toldo listrado para parecer mais bonita do que é), meu celular vibra de novo no bolso, e me atrapalho com as mãos para pegá-lo.

Ainda não é Jude, e meu coração afunda um pouquinho.

Você pode comprar absorventes internos também?, tia Vi pergunta, e eu escrevo de volta que sim.

Dentro da farmácia, o ar-condicionado está ligado no máximo, me deixando com os braços e as pernas arrepiados, e eu me apresso para pegar os biscoitos e os absorventes, voltando à luz do sol com um suspiro de alívio, a sacola balançando ao meu lado.

Tomo meu caminho de volta e, quando olho, vejo duas pessoas perto do chafariz.

A garota está de costas para mim, mas eu reconheço aquele cabelo em qualquer lugar.

Jude.

Como se toda minha angústia pela falta de notícias a tivesse invocado ou algo do tipo.

Exceto que estou convencida de que, se tivesse magicamente feito Jude aparecer, eu *não* teria invocado também o Mason Coleman.

E eles certamente não estariam se beijando.

Meu coração está batendo tão acelerado no peito que é quase doloroso, um rugido seco em meus ouvidos.

Eles estão se beijando. Jude e Mason. Se beijando. Perto do chafariz porque sim, clichê, eu acho, e se beijando, se beijando. Jude está beijando alguém e não sou eu, e eu sou uma idiota.

Com o rosto ardendo e um nó na garganta, abaixo a cabeça e tento passar por eles o mais rápido possível, os olhos marejados de lágrimas.

E talvez por isso eu não enxergue o painel tão-charmoso-tão-das-antigas de sanduíches na frente do *Y Tu Taco También* até colidir com ele, derrubando-o no chão com um barulho estridente.

— Não — sussurro, possivelmente em direção ao universo.

Mas o universo não está do meu lado hoje, porque eu ouço Mason me chamar pelo nome.

Fechando os olhos e tomando fôlego, eu conto até três antes de me virar para ver Jude e ele andando na minha direção, seus dedos entrelaçados enquanto Mason a puxa para perto dele.

Claro que Mason não faz a menor ideia de que isso é esquisito. Até onde ele sabe, nós somos todos amigos. Desde o ensino fundamental. Não deveria existir nada de esquisito sobre eu ver Jude e ele juntos, e também *juntos*.

Mas Jude tinha dito que éramos um *nós*.

Nós demais.

E agora ela parece formar um *nós* mais que demais com Mason. Mais uma vez.

— Oi — falo alto demais, mexendo os dedos ao acenar para eles.

Infelizmente, quando levanto a mão, ainda tenho a sacola da farmácia pendurada e a fina alça de plástico escolhe aquele segundo para deslizar do meu pulso, derrubando duas caixas de Teddy Grahams e um pacote de Tampax direto nos pés de Mason.

Eu odeio... absolutamente tudo da minha vida neste momento.

Mason, para ser sincera, não age estranho ao pegar os biscoitos e produtos de higiene feminina. Sinceramente, isso só deixa tudo pior. Se ele fosse o tipo de babaca que parece ter medo de absorvente, eu poderia pelo menos me sentir superior.

Sorrio, pegando minhas coisas e enfiando de volta na sacola plástica.

— Obrigada. Isso não é pra mim. Os biscoitos ou o... quer dizer, eu como biscoitos e uso absorventes, porque, né, mas eu só estava... Minha tia...

— Sem problemas — Mason diz alegremente. — Eu tenho irmãs.

— Certo — respondo, mas ainda estou olhando além dele, para Jude.

Ela está sorrindo para Mason, mas enxergo a tensão em seus ombros e como ela fica brincando nervosamente com os dedos dele.

Eu não posso chorar agora nessa pracinha falsa, segurando absorventes e biscoitos na frente de uma taqueria, então aceno com a cabeça e sinalizo a próxima quadra com o polegar.

— Bom, espero que tenham um ótimo verão. Eu vou só... voltar pra casa. Até mais!

Recuperei o máximo de dignidade que pude como uma garota que acabou de, basicamente, arremessar absorventes na garota que ela gosta e no garoto que a garota escolheu em vez dela.

Estou na esquina quando meu celular vibra e, dessa vez, finalmente, é a mensagem que eu estava esperando.

Mas tudo que Jude diz é: *Desculpa*.

Não me preocupo em responder e tomo o caminho de volta para a casa de tia Vi o mais rápido que minhas pernas são capazes de me carregar.

Ao destravar a porta, eu jogo a sacola perto do pote que não é de sal do Himalaia e vou para a sala, me desmilinguindo de volta na cadeira desconfortável com o rosto ainda em chamas e os olhos ardendo.

Na tela, Callum e Helena, dessa vez, não estão se pegando ou sendo ameaçados por ingleses maléficos. Em vez disso, eles estão montados em cavalos, galopando sobre terreno pedregoso, os montes recortados ao redor deles e desaparecendo no nevoeiro.

Algo salta em meu peito ao ver essa cena e penso de novo na carta que levo na bolsa. O colégio que eu estava declinando por Jude.

O celular em meu bolso vibra de novo.

Ignoro.

— Eu trocaria vasos sanitários com descarga por *isso* — digo para tia Vi, apontando para a tela. — Você pode ficar com o cara gostoso.

Tia Vi olha para mim com uma cara de quem acabou de perceber que eu voltei, então ela ri, sacudindo a cabeça.

— Ah, sim, você e essa coisa da Escócia. Você não se inscreveu pra um colégio lá?

Movimento a cabeça indicando que sim. Estamos agora em modo completo de cenário cinematográfico, Callum e Helena atravessando vales e aparecem cada vez mais daqueles morros verdes e pedregosos, mais luz do sol por detrás das nuvens, mais brilho de um oceano cinza no horizonte. Se eu estivesse

ali, caminhando pelas Terras Altas em 1780-e-sei-lá-quando, definitivamente não esbarraria em Jude e Mason. Eu não arremessaria absorventes por acidente para cima de ninguém. Eu seria... uma nova Millie, provavelmente.

— Bom, aí está — tia Vi diz, levantando-se e indo pegar os biscoitos. — Você não precisa viajar no tempo pra chegar na Escócia.

Ela volta para a sala com a caixa de biscoitos, franzindo a testa um pouco quando vê que eu comprei Biscoitos de Verdade, não aqueles livres de açúcar que ela costuma comprar. Mas ela dá de ombros e abre a caixa mesmo assim.

— Literalmente a uma viagem de avião de distância — ela diz com a boca cheia de ursinhos de canela. — Você poderia estar lá amanhã se tivesse um passaporte e dinheiro suficiente.

Eu a encaro por um segundo, então volto o olhar para a tela. Ela está certa. A Escócia é um lugar de verdade. Um lugar relativamente fácil de alcançar. Um lugar com um colégio que já me aceitou.

— É — digo para tia Vi, mas ainda estou olhando para a tela com o coração descompassado dentro do peito.

Dar o fora daqui. Não precisar lidar com Mason e Jude se beijando no corredor de armários da escola. Não ouvir os *eu te disse* da Darcy ou encarar os olhares compassivos do Lee.

Eu posso ir para outro lugar.

Recomeçar.

Eu.

Escócia.

CAPÍTULO 4

— Voltamos à Escócia?

Meu pai está perto do fogão com uma expressão confusa no rosto, espátula na mão – oba, Terça das Panquecas –, e eu balanço um maço de papéis para ele ver.

— Não apenas à Escócia, mas a um *colégio* na Escócia — digo. — Você é professor, pai. A Anna é orientadora. A gente vive e respira educação.

Antes que ele possa responder, eu folheio os papéis impressos. Nos últimos dias, desde o Incidente Jude e minha epifania na casa da tia Vi, eu virei uma Máquina de Pesquisa sobre Assistência Financeira.

Ao achar o papel que queria, o puxo do maço, exibindo-o.

— Gregorstoun oferece todos os tipos de bolsas. E é um dos melhores colégios do mundo, pai. Gregorstoun “já educou reis, príncipes e primeiros-ministros” e este é o primeiro ano em que eles admitem mulheres. Eu seria parte da primeira classe de mulheres, o que significa que *tecnicamente* eu faria história. Minha foto provavelmente estaria nos livros de história.

— Nos livros de história escoceses — meu pai retruca, e eu concordo.

— Melhor ainda. Você já leu sobre a história escocesa? É uma loucura. Seremos eu e *Coração Valente*, lado a lado.

Aquilo fez meu pai sorrir, como suspeitei que faria, mas, quando ele se vira para o fogão, está sacudindo a cabeça.

— Eu só achei que isso estivesse fora de questão, filha. Duas semanas atrás, você parecia tão decidida a *não* ir.

Ele só me chama de “filha” quando está se sentindo meio por fora de suas capacidades parentais. O que não acontece com frequência. Embora eu, às vezes, me pergunte que tipo de pai ele seria se minha mãe ainda estivesse entre nós. Mas pensar nisso parece injusto com ele, falta de lealdade, ou algo assim. Como se eu não o achasse suficiente.

Colocando os papéis na mesa, me aproximo dele e ponho as mãos em seus ombros.

— Eu só... mudei de ideia — digo. — Quanto mais pensei sobre isso, mais parecia que eu tinha desistido muito cedo. Eu me assustei com a distância tão longa, mas não posso deixar que o medo me impeça de fazer algo incrível.

Chegando mais perto, completo:

— E, repito, é um *colégio*, pai. Não é como se eu estivesse pedindo pra ir atrás de uma banda em turnê pela Europa por um ano.

Ele ri num tom de zombaria, virando-se um pouco para me olhar.

— Sinceramente, acho que eu saberia lidar melhor se fosse esse o caso. Isso eu consigo entender.

Sorrindo, dou um tapinha nos seus ombros com as duas mãos e me afasto.

— Talvez seja esse meu modo de me rebelar. Uma garota tragicamente chata que é filha de pais muito legais.

— Eu acho que você é *muito* legal — meu pai retruca, lealmente, virando uma panqueca. — Tão legal, na verdade, que eu estava pensando que poderíamos acampar nesse fim de semana. Só você e eu, como costumávamos fazer. Também vi um anúncio sobre um evento de pedras preciosas e minerais em Houston na próxima semana que pode ser divertido. Já faz tempo que não vamos em um desses.

Olho para ele.

— Pai, você está tentando me subornar com ciência?

— Um pouco — ele admite e acena com a cabeça para Gus, meu irmão mais novo, que está sentado no cadeirão e batendo a colher de plástico na bandeja alegremente.

— Quer dizer, se você for embora, quem vai acampar comigo? Esse carinha aqui é péssimo na montagem de barracas. E você devia ter visto a bagunça que ele fez na vez que pedi a ele que juntasse lenha.

Gus grita uma palavra que soa mais ou menos como “BARRACA!” e eu dou um peteleco de leve em seu queixo.

— A honra da família em manter a montagem de barracas e o fogo do acampamento recai sobre você, meu irmão.

Gus abre um sorriso, inclinando a cabeça ao tentar colocar meu dedo na boca e, atrás de mim, meu pai dá um suspiro.

— Você não... Se isso é sobre a Anna, ou o Gus, ou você pensando que...

Interrompo meu pai erguendo a mão.

— Não — digo. — Não tem nenhuma história trágica por trás disso.

Meu pai se casou com Anna há três anos e eles tiveram o Gus no ano passado. Isso foi uma mudança drástica, deixei de ser filha única de um pai solo e passei a ter uma madrasta e um bebê em casa, mas foi uma boa mudança. Eu ando até a mesa da cozinha, pego uma caixa de cereais açucarados, despejo um punhado para Gus e sou recompensada com outro sorriso. Meu coração inteiro derrete enquanto eu faço um carinho em seu cabelo ruivo. Gus se parece mais com minha madrasta do que com meu pai ou comigo – nós dois temos olhos e cabelos castanhos comuns.

Ele também é a melhor coisa da minha vida, então meu desejo de tentar estudar em outro país não tem nada a ver com sentimentos de inadequação ou desconforto.

— Espantalho, acho que vou sentir sua falta mais do que tudo — digo carinhosamente para Gus, que balbucia em resposta, enfiando um punhado de cereais na boca, e eu suspiro. — Não acho que ele já entenda minhas referências de cultura pop.

— Dá uma folga para o Padawan — meu pai responde e eu sorrio para ele.

Ele é um bom pai. Um ótimo pai, até, e a ideia de deixá-lo, mesmo que temporariamente, é a única nuvem escura pairando sobre meu plano perfeito. Bom, deixar todos: ele, Gus e Anna. Acho que passar meu último ano fora do país seria muito mais fácil se eu não gostasse da minha família.

— Isso não é sobre ninguém além de mim — digo para meu pai, e isso é quase uma verdade completa.

Quer dizer, algumas partes também dizem respeito a Jude, mas ainda não decidi entrar nesse assunto com meu pai. Não é que ele não aceitaria o fato de eu gostar de garotas – é só que as coisas têm sido complicadas e bagunçadas e não quero conversar com ele até ter tudo bem organizado dentro da minha cabeça.

Jude me enviou mais algumas mensagens desde que a vi com Mason perto do apartamento de tia Vi. Eu não sabia como responder, então me convenci de que estou muito ocupada para responder e que preciso focar em Gregorstoun.

O que não é uma mentira completa. Quer dizer, vou deixar para trás a minha casa e tudo que me é familiar. Sim, pode ser assustador. Sim, existe uma parte de mim que talvez, talvez, talvez, possivelmente, esteja fugindo. Mas também existe uma parte de mim que fica mais animada a cada vez que olho para o panfleto do colégio.

Sentando-me de volta à mesa, afasto um descanso de panela para abrir mais uma vez meu Arquivo do Colégio Escocês, tamborilando com os dedos sobre as diferentes imagens. St. Edmund, em Edimburgo, seria legal. Morar em uma cidade que está sob as sombras de um antigo vulcão? Definitivamente é algo diferente.

Tem também St. Leonard, um grande e espaçoso prédio de tijolos vermelhos sobre o gramado mais verde que já vi. Não é longe de St. Andrew, que também é lindo e, uau, eles adoram santos na Escócia, acabo de perceber.

Gregorstoun é uma antiga mansão, uma construção maravilhosa de tijolos erguendo-se sobre as colinas, com paredes cobertas por hera e uma atmosfera muito Hogwarts.

Eu me apaixonei na primeira vez que vi, pesquisando à toa por colégios na Escócia mais de um ano atrás.

Puxo o papel para perto de mim, então percebo que a cozinha ficou em silêncio.

Quando levanto o olhar, meu pai está me observando com uma expressão curiosa no rosto.

— Você não vai me dizer que sou a cara da mamãe, vai? — eu pergunto e ele sorri de leve, sacudindo a cabeça.

— Não, na verdade, você se parece com a Vi — o que, lembrando os anos adolescentes dela, me dá uma queimação no peito.

Então ele aponta para os papéis com a espátula.

— Vá em frente e se inscreva — meu pai diz. — Se você conseguir a bolsa, a gente cuida do resto.

— Quando eu conseguir — corrijo, pegando a caneta e apontando para Gus, que dá um gritinho de satisfação antes de arremessar a colher ao chão.

— *Quando.*

*image
not
available*

CAPÍTULO 6

— **Você vai ter que usar** roupa xadrez o tempo todo?

Lee está sentado na beirada da minha cama, com as mãos sobre os joelhos enquanto me observa tirar as coisas do armário. Estamos no meio de agosto, o que significa que é difícil imaginar um clima em que precisarei de casacos pesados, mas o aplicativo do clima no meu celular me informa que, se eu estivesse na Escócia agora, estaria enrolada numa manta de lã. Além disso, não voltarei para casa até dezembro, então eu jogo na cama meu casaco mais pesado de inverno junto com o restante das coisas que estou arrumando na mala.

— Os uniformes são quadriculados — digo ao Lee. — Mas é um quadriculado escuro, então não é feio.

Lee tenta sorrir, mas seus olhos estão fixos na minha mala.

Aproximando-me, coloco a mão em seu ombro.

— A internet existe — eu o lembro. — E-mail, FaceTime, Facebook e provavelmente alguma tecnologia nova de conversa por vídeo que vão inventar enquanto eu estiver por lá...

A piadinha causa um sorriso natural e ele passa as mãos no cabelo.

*image
not
available*

Com um gemido, Lee se joga de barriga na minha cama, derrubando alguns travesseiros no chão.

— Miiilliiiiie — ele resmunga. — Por que você tem que me deixar? O que a Escócia tem que o Texas não tem? Além de estações distinguíveis, eu acho.

— Todo tipo de coisa — digo. — Kilts.

— Eu posso vestir um kilt.

— Gaitas de fole.

— Eu posso aprender a tocar uma dessas.

— Geologia interessante.

— O Texas tem uma porrada de rochas, Mill.

Abrindo um largo sorriso, arrumo outro agasalho na mala.

— É diferente. E estou pronta pra estar num lugar diferente por um tempinho.

— Só me promete que você está fazendo isso porque você quer mesmo ter novas experiências divertidas e excitantes — diz Lee, mexendo no meu edredom. — E não porque você está fugindo.

— Eu só estou fugindo um pouquinho — respondo, segurando meu polegar e o indicador a uma curta distância como ele fez antes. — Uma minúscula parcela de fuga. Toda garota tem direito a isso.

Percebo que Lee quer discutir comigo sobre isso, mas, no fim das contas, ele apenas suspira e diz:

— Tá bom. Então, pelo menos, use bem o seu tempo e vá à caça do monstro do Lago Ness.

— Isso — digo, fazendo arminhas com as mãos — eu definitivamente posso fazer.

Uma batida na porta e minha madraستا aparece.

*image
not
available*

FLORA VAI PARA A ESCOLA!

Vista aqui na Estação Waverly, em Edimburgo, Sua Alteza Real, princesa Flora da Escócia, sobe ao trem que a levará ao norte de Gregorstoun, nas Terras Altas escocesas. Antes uma instituição apenas para garotos, este ano Gregorstoun abre suas portas para garotas pela primeira vez em mais de um século. Embora os dois irmãos da princesa Flora tenham estudado no colégio, este ano Flora será a única Baird em Gregorstoun, já que seu irmão gêmeo, Sebastian, escolheu terminar os estudos perto de casa, em Edimburgo. Há rumores de que a princesa está sendo enviada para o rígido colégio para endireitar alguns dos seus impulsos mais selvagens, que, de acordo com o palácio, são “absolutamente inventados”.

(“A realeza vai para a escola”, *People*)

*image
not
available*

fui filha única até dezoito meses atrás e nunca compartilhei meu espaço com uma pessoa desconhecida dessa maneira.

Mas será um bom treino para a universidade, certo?

O sr. McGregor dirige o carro até a entrada do colégio, onde os estudantes já estão entrando, arrastando malas de rodinha imensas. Minha mala gigante está no Land Rover (comprada na promoção na TJ Maxx, muito obrigada) e, antes que eu perceba, estou em pé no enorme salão principal de Gregorstoun, segurando a mala pela alça.

É um caos, as pessoas estão saindo e entrando, e eu olho ao redor, tentando absorver tudo, uma mistura de nervosismo e *jet lag* fazendo com que eu me sinta mais ansiosa do que imaginei que ficaria.

Estou surpresa com a quantidade de garotos que tem por aqui. Todos os tipos de garotos. Garotos que parecem ter doze anos e garotos muito mais altos que eu caminhando para dentro do colégio. Deve ter cinco garotos para cada garota, e eu imagino quantas de nós se inscreveram para fazer parte da primeira turma feminina de Gregorstoun.

O andar térreo ainda parece ser como a casa de alguém. Muitas pinturas nas paredes, mesinhas cheias de quinquilharias e tapetes macios sob os pés.

À minha frente, uma escadaria de madeira se espirala para cima e, engolindo em seco, eu ando em direção a ela, arrastando a mala atrás de mim.

Não há elevadores – ou *lifts*, como eles devem chamar por aqui –, então eu de fato consigo fazer um treino cardiovascular subindo com minhas coisas até o terceiro andar.

*image
not
available*

— Liga para a minha mãe. Liga para a minha mãe. Liga para a minha mãe.

Talvez seja o *jet lag*. Talvez seja a estranha sensação que tenho no estômago que se iniciou no momento em que entrei no colégio e a mudança colossal que fiz, mas finalmente bateu.

Eu me viro para olhar para ela e, antes que possa pensar melhor, ouço essas palavras saírem da minha boca:

— Ei. Veruca Salt.

Seus lábios se entreabrem e ela ergue as sobrancelhas ao me encarar.

— Perdão?

Eu nunca quis tanto puxar as palavras de volta para dentro da boca. Lee estava certo sobre eu não gostar de confrontos — é basicamente a coisa que menos gosto, atrás apenas de maionese e jazz. Mas algo sobre o modo de falar dessa garota simplesmente... me incomodou.

Então talvez essa seja eu agora? Millie Quint, Confrontadora de Pessoas.

Eu decido prosseguir.

— Você se importa em fazer menos barulho? — Chacoalho meu celular em sua direção. — As pessoas aqui estão querendo conversar, e parece que esse cara está ligando pra sua mãe, então, tipo, dá uma diminuída boa aí?

Ela continua me encarando, e o homem que está com ela agora está olhando para mim também, seu rosto corado se avermelhando ainda mais.

Que seja. Eu respiro fundo e volto a falar com meu pai.

— Olha, estou aqui, estou segura, tudo está ótimo... mais ou menos, e eu ligo pra vocês mais tarde, tá bom?

*image
not
available*

— Estou te dizendo, Perry, ela está nesse andar!

A voz que vem do corredor é claramente a voz de uma princesa da Disney – doce, melodiosa, completa com o sotaque inglês articulado, e imagino que a garota que verei será uma combinação de Bela Adormecida com Cinderela. Talvez até esteja acompanhada por criaturas da floresta.

A garota que aparece de repente é bonita, mas também é... uma gigante.

Tá bom, isso não é justo, mas ela facilmente tem mais de um metro e oitenta de altura. Embora, quando olho para baixo, eu note que ela está usando botas de salto alto. E, apesar de ela não se parecer com a Cinderela ou a Bela Adormecida, ela é linda, com longos cabelos escuros e pele negra.

E, quando ela olha para mim, noto que ela tem adoráveis olhos castanhos que enrugam nos cantos quando ela sorri.

— Ah, olá! — ela diz alegremente. — Nem te vi aí.

Isso deve ser porque eu sou basicamente um esquilo, enquanto ela é uma girafa, e dou um aceno sem jeito.

— Eu costumo sumir na multidão.

— Ah, você é americana! — ela vibra e gesticula atrás de si, impaciente. — OLHA, PERRY, ENCONTREI UMA AMERICANA!

Ela avisa alto o suficiente para doer meus ouvidos.

Sem criaturas da floresta no seu rastro, o garoto que aparece é serelepe como um... coelho.

Isso não é legal de dizer, provavelmente, mas seus dentes são um pouco proeminentes, e ele parece nervoso e agitado, especialmente comparado à garota ao seu lado.

— Meu nome é Sakshi — ela estende a mão para eu apertar e a cumprimento, grata ao ver que alguém neste lugar

*image
not
available*

Com a boca seca, pergunto:

— Algum de vocês tem um celular? Pra me mostrar uma foto dela?

Perry sacode a cabeça, mas Saks olha ao redor antes de enfiar a mão no elástico da saia e puxar um iPhone Rose Gold.

— Saks, isso devia estar no seu quarto! Você vai se meter em encrenca — diz Perry, mas Sakshi apenas levanta um dedo, clicando no celular com o outro.

— Aqui está a princesa — ela diz. — Fazendo compras em New Town, vestindo um casaco verdadeiramente fabuloso.

Antes mesmo de ela virar o celular para mim, eu já sei, mas ainda é um choque ver a foto e reconhecer com clareza a princesa Flora.

Minha colega de quarto.

*image
not
available*

— Vai ficar tudo bem, né? — pergunto, amassando meu guardanapo cheio de farelos. — Quer dizer, eles não vão...

— Te jogar numa masmorra? — Sakshi pergunta, e faço uma careta.

— Não, eu não sou uma americana tão ignorante assim. Estava pensando em ser expulsa ou algo do tipo. Estou aqui com uma bolsa, e se a punição por insultar um colega de classe da realeza for a expulsão ou... eu não sei, deméritos ou algo assim?

Perry sacode a cabeça antes de pegar um bolinho de chá do prato da Sakshi.

— Não se preocupe com isso — ele diz antes de engolir o bolinho numa bocada só. — O objetivo todo de enviar os filhos da realeza pra cá é forçá-los a viver como estudantes normais. Sem privilégios especiais, sem frescuras. Se eles não te expulsariam por *me* chamar de Veruca Salt, eles não podem te expulsar porque você disse isso a *ela*. Esse é o esquema.

Falando na dita-cuja, justamente naquele momento Flora entra na sala acompanhada por duas garotas, ambas com cabelos tão brilhantes quanto os dela, mas não tão atraentes. As duas também estão de uniforme, mas Flora ainda está vestindo aquele suéter caro e os jeans de marca.

Seu olhar pousa em mim por um segundo antes de desviar, e eu não estou certa se isso é porque ela está enfurecida ou porque simplesmente não lembra quem eu sou.

Ela vai até o outro sofá, menor do que o sofá em que eu e Sakshi estamos sentadas e já ocupado por três outras garotas mais novas.

*image
not
available*

— Moças! — ela diz com animação, juntando as mãos.
Então ela encontra Perry com o olhar, e enruga a testa.

— Moças e sr. Fowler, eu devo dizer.

Balbuciando um pedido de desculpa com a boca cheia de bolo, Perry se levanta, arrastando a cadeira de volta para o lugar antes de se esgueirar para fora com um rápido aceno para mim e Sakshi.

Ela suspira quando ele sai.

— Perry, o Incorrigível.

— Eu espero, pelo bem dele, que isso não seja um apelido — murmuro, e Sakshi ri, tocando meu joelho brevemente.

— Deveria ser.

A mulher de terno cinza gesticula para que nos levantemos e assim o fazemos. Bom, a maioria de nós. Eu olho ao redor e vejo que Flora leva seu próprio tempo para se desenroscar de sua posição confortável no sofá.

Também percebo o modo como a mulher de terno observa que Flora está sem o uniforme, e o leve desagrado que se expressa em seu rosto.

Mas então ela sorri para todas nós com as mãos novamente juntas à sua frente.

— Moças — ela começa de novo. — Eu sou a dra. McKee, a diretora. Bem-vindas a Gregorstoun. Espero que todas vocês tenham se sentido muito bem recebidas no seu primeiro dia oficial.

Todas nós concordamos com a cabeça e fazemos ruídos gerais de aprovação, e então uma voz se destaca, clara e refinada, cadenciada e musical.

*image
not
available*

sofisticado realmente é, mas eu não tinha mesmo pensado em como seria estudar com alguém que possui um *título de nobreza*. Os membros da realeza são uma coisa, mas até as pessoas “normais” daqui são mais ricas do que eu acharia que fossem, e isso é...

“Estranho” nem começa a explicar. O que mais eu não sei?

O quarto para o qual fomos levadas é muito menos confortável do que a sala de estar e uns dez graus mais frio. As paredes são de pedra, as janelas são mais grossas e, no centro do piso tem uma mesa redonda de carvalho de tamanho colossal. Os lustres pendurados no teto parecem feitos de... galhadas? Sim, definitivamente são galhadas, e mesmo que usem lâmpadas no lugar de velas, o efeito ainda é terrivelmente medieval.

— É aqui que somos consagradas como cavaleiras? — pergunto a Sakshi e ela ri de deboche enquanto nos sentamos lado a lado à mesa.

Flora senta-se com aquelas duas garotas na outra ponta da mesa e Saks a olha de relance.

— Nossa, ela é abusada demais — Sakshi murmura. — Eu tinha esquecido como ela era.

— Você já conhecia a Flora? — pergunto, e ela balança a cabeça afirmativamente.

— Círculos sociais similares e coisas assim. Mas ela nem sempre foi desse jeito. Na verdade, quando éramos pequenas, eu gostava muito dela, mas, quando ela fez treze anos, a arrogância tomou conta, francamente. Sebastian sempre foi um desajustado. Ele foi banido de um *quartirão inteiro* de Londres quando tinha só doze anos. É o que dizem por aí.

*image
not
available*

curiosidade me faz chegar um pouco mais perto da janela para ver o que ela está observando.

É o cara de antes, o de rosto avermelhado e terno escuro, e ele está guardando bagagens no porta-malas de um SUV preto. Ele tem um celular no ouvido também e, enquanto eu observo, ele larga uma mala, levantando a mão livre na direção do colégio e, imagino, de Flora.

Seus lábios se curvam num sorriso lento enquanto ela levanta a mão para acenar de volta, mas ele não está olhando.

Então, com um suspiro, Flora se vira da janela, sentando-se na cama. Ela tem os mesmos lençóis brancos e cobertor verde sem graça que eu, e posso ver que ela acrescentou algumas almofadas. Ela também ocupou a parte de cima inteira da cômoda, e franzo a testa ao dar uma olhada nas velas aromáticas caras, nas fotografias emolduradas de Flora e um punhado de garotas igualmente lindas usando grandes chapéus e vestidos maravilhosos e... uma mão de porcelana?

Aparentemente um porta-anéis, já que todos os dedos estão decorados com peças reluzentes.

Enquanto Flora continua papeando no celular (*Com um príncipe, sussurra uma parte do meu cérebro, que um dia será rei e que é irmão dela, porque ela é uma princesa, você está morando com uma princesa de verdade*), abro o zíper da minha bolsa e tiro a sacola Ziploc que eu trouxe com minhas amostras favoritas de rochas.

Sim, talvez seja um *pouquinho* esquisito ter rochas favoritas, mas enfim. Eu achei algumas delas em viagens com meu pai, e outras são de eventos de pedras preciosas e

*image
not
available*

bom, claro, tecnicamente não é um pé-d'água, mas ainda garante que eu fique ensopada em cinco minutos. Também deixa o chão escorregadio, que foi o motivo do meu pé ter deslizado no cocô de ovelha quando fiz a curva.

— Ai, que nojo — murmuro, parando no caminho pedregoso, com o coração acelerado, a pele suada e o tênis talvez destruído para sempre.

Sakshi para atrás de mim, correndo sem sair do lugar, seus longos cabelos escuros presos num rabo de cavalo balançando por sobre os ombros.

— Algum problema, Millie? — ela pergunta, e eu aponto para o tênis sujo.

Ela torce o nariz, mas então dá de ombros.

— Bom, são os ossos do ofício.

E, com isso, ela dá um sorriso animado e continua sua corrida, os cabelos ainda esvoaçantes.

Repentinamente não tenho mais certeza se gosto mesmo de Sakshi.

Perry claramente compartilha dos meus sentimentos, parando ao meu lado, seu peito magro ofegante e a mão pressionada sobre o esterno.

— Estão tentando nos matar — ele diz, ofegante. — É isso que esse lugar realmente faz, eu tentei avisar as pessoas. É um Colégio Assassino.

Olhando para trás, sobre o ombro, onde Gregorstoun se ergue sobre o morro, tenho que admitir que parece um pouco assassino. É definitivamente bem gótico, todo em pedras frias encobertas na névoa. Algumas poucas janelas iluminadas se

*image
not
available*

definitivamente existe uma tensão fermentando em nosso quarto. Eu ainda não sei o que ela quis dizer com aquele papo de “não serei sua colega de quarto por muito mais tempo”, e não me importei em perguntar.

Finalmente, Flora revira os olhos e começa a correr meio arrastada de volta à trilha.

— Já posso dizer que esse será um semestre alucinante — ela diz em voz alta, o sarcasmo praticamente escorrendo de sua boca.

Assim que acaba a sessão de tortura da manhã e estou de banho tomado e de volta ao meu uniforme, vou à primeira aula do dia, História Europeia, com o dr. Flyte. Ele parece ter nove mil anos de idade, o que talvez explique ele ser tão bom em história – ele viveu tudo.

Levei uma semana para começar a entender o sotaque dele. Ele é inglês, não escocês, mas cada palavra se espreme da boca fechada e ele não conhece uma única vogal que não goste de esticar além do seu formato natural. Agora, de pé na frente da turma, com as mãos nas costas, suas sobrancelhas prestes a levantar voo, eu olho para meu caderno e rabisco os “????” depois de “William” para adicionar “o Conquistador”.

O dr. Flyte continua falando em tom monótono e eu continuo escutando o melhor que posso, mas é difícil fazer isso quando ainda quero olhar ao redor. Essa aula está acontecendo no que eu acho que costumava ser um escritório. As janelas dão para o jardim interno do prédio, então não entra muita luz. A sala tem apenas algumas luminárias, aumentando a

*image
not
available*

esquivam para fora dali sem maiores comentários espertinhos e Saks espana as mãos como se tivesse acabado de completar uma tarefa desagradável, porém necessária.

— Essas duas — ela diz sacudindo a cabeça, e então dá um passo à frente, a expressão preocupada ao tocar no meu braço. — Você está bem?

— Sim — respondo, sorrindo. — Eu ia a um colégio enorme no Texas, então meninas malvadas não são novidade. E, sinceramente, a tentativa delas de bullying foi quase... singela?

Isso faz Saks sorrir, e ela entrelaça o braço com o meu enquanto andamos pelo corredor.

— Eu não acredito que elas ainda estão chateadas por causa da Rose Haddon-Waverly. Já foi, já passou, foca o presente, meu Deus do Céu.

Ela diz tudo com um abano da mão e eu olho para ela.

— Então você ouviu?

Sakshi sacode a cabeça.

— Eu só supus que o assunto era esse. Era meio que um assunto nos nossos círculos, a Rose não entrar — ela dá outro suspiro exagerado. — O pai dela perdeu a fortuna da família em algum fiasco com cavalos alguns anos atrás.

Eu nem pergunto o que “fiasco com cavalos” pode significar aqui, porque não estou certa de que quero saber, mas pergunto o seguinte:

— Então tem gente pobre e fina misturada com gente rica e fina?

Saks acena com a cabeça.

*image
not
available*

CAPÍTULO 12

— **É sexta-feira** — digo no impulso, e Flora e Seb se viram para me olhar.

Seb sorri de leve, seus dentes praticamente brilhando enquanto ele coloca as mãos nos bolsos de trás da calça.

— Sim, é — ele diz, levantando um ombro. — Mas é só um pulo no pub. Eu não te manteria na rua até tarde, Colega Quint.

Os olhos de Flora ficam semicerrados e sinto minhas bochechas corarem. Repentinamente, a queda de Sakshi por Seb faz muito sentido para mim, mas ainda não vou sair vagabundeando por aí... seja lá onde for com esses dois.

Sou uma seguidora de regras por natureza. Eu nunca desobedeci a horários, nunca matei aula no colégio e nunca fui a um bar.

E a mensagem de Jude continua na minha tela, à espera.

Então agora eu apenas pego o livro sobre a cama e o balanço um pouco.

— Dever de casa — digo. — Mas vocês dois se divirtam.

*image
not
available*

sua barriga sarada e sem sinal da máscara facial. De fato, ela parece estar...

— Como você conseguiu maquiar o rosto inteiro tão rápido? — pergunto, intrigada, e Sakshi me corta.

— Prática. Agora, onde ele está?

— Onde está quem?

Nos viramos e vemos Perry em pé no corredor com dois doces nas mãos. Sinceramente, eu não sei como Perry é tão magro, considerando que ele come tudo que vê pela frente, mas agora ele tira as migalhas de seu *jumper* – aprendi que é assim que eles chamam os suéteres por aqui – e nos encara.

— Seb — Saks conta para ele. — Seb está aqui com Flora e eles vão para a vila beber.

Olhando para os lados, Perry murmura:

— Bom, então eu também vou — e enfia os doces num vaso de planta.

Com a mão na cintura, Sakshi dá um olhar para ele.

— Se você me atrapalhar, Peregrine...

Ele levanta as duas mãos com as palmas para cima.

— Quem está atrapalhando quem? Eu só quero me divertir com a realeza, só isso.

Não sei se a presença de Perry será tão bem-vinda quanto a de Sakshi, mas eu concordo, apontando para os dois.

— Ótimo, ótimo, essa noite estamos todos vivendo como a outra metade vive. Agora podemos ir?

Seb e Flora estão esperando perto da porta e eu sinto que, se tivéssemos demorado mais dez segundos, Flora já teria puxado Seb para fora e nos deixado para trás, mas ele abre um sorriso quando nos vê e até oferece a mão para Perry.

*image
not
available*

parecem muito, mas aquele sorriso... Aquele é, com certeza, um sorriso de Flora, um que eu vi se formar em seu rosto inúmeras vezes nas últimas semanas.

— Gregorstoun deve ter sido um mundo completamente novo pra você, então, cara — Seb diz com a voz arrastada, e as bochechas de Perry se acendem de tão coradas enquanto ele ri sem jeito.

— É, foi sim, cara — ele diz, em uma tentativa de formar uma Camaradagem Masculina, eu imagino.

Flora se vira para o irmão para perguntar alguma coisa e, enquanto ela faz isso, Perry se inclina sobre os quilômetros de pernas de Sakshi para sussurrar:

— Que inferno, eu sou *hétero*, e essa é segunda vez que ele me deixa corado. Ele deve ser uma ameaça para as garotas.

Eu tento segurar a risada pressionando os lábios, mais por causa da expressão levemente escandalizada de Perry do que da ideia de Seb ser uma ameaça, mas Sakshi só parece confusa.

— Espera, você é hétero? — ela pergunta, e Perry se apruma, seu olhar disparando para o banco da frente.

Flora e Seb ainda estão conversando, imersos naquela bolha que eu já vi Flora criar antes, um espaço em que ela pode fingir que nós, reles mortais, não existimos.

— Sou — Perry diz baixinho. — Espera, você não achava que eu era...? Saks, a gente se conhece desde os *cinco* anos. Como é que você não sabia disso?

Sakshi levanta os ombros com elegância.

— É difícil dizer por causa do seu *tipo*, pra ser sincera.